

Estimativa da freqüência de abortos induzidos: teste de uma metodologia*

Maria Teresa A. Olinto**

Introdução

A dificuldade de realizar estudos que abordem temas ilegais ou que envolvam conflitos morais e éticos exige muita criatividade nas metodologias adotadas. Mesmo quando se consegue as informações, estas podem não ser confiáveis. Estudos acerca do uso de drogas, alcoolismo, práticas sexuais ou aborto induzido são alguns exemplos.

Nesta perspectiva, e considerando o momento crítico que se vive na definição de políticas sobre o aborto induzido, propus em 1994 ao The Population Council – New York o desenvolvimento de uma metodologia que garantisse a total confiabilidade da informação obtida sobre abortos prévios e, ao mesmo tempo, permitisse traçar o perfil socioeconômico e demográfico das respondentes. Esta metodologia, conhecida como método da "urna", é uma tentativa de estimar a freqüência de abortos induzidos em estudos populacionais.

Materiais e métodos

Foi estudada uma amostra representativa de cerca de 1.357 mulheres de 15 a 49 anos vivendo na área urbana do município de Pelotas (RS). Dos 253 setores censitários existentes no muni-

cípio foram sorteados 22. Estimando-se aproximadamente 0,95 mulheres de 15 a 49 anos por domicílio, esperava-se alcançar 64 mulheres por setor a cada 70 domicílios visitados. Para cada setor sorteou-se a quadra inicial e, posteriormente, a esquina na qual o trabalho deveria ser iniciado. A entrevistadora, a partir do ponto inicial, caminhava sempre no sentido horário até completar as 70 casas.

Todas as entrevistas iniciavam com um questionário pré-codificado contendo questões socioeconômicas e demográficas. Após responder este questionário a entrevistada era alocada para responder questões sobre aborto em dois métodos. A alocação era feita de modo a garantir que, ao final da investigação, as mulheres entrevistadas ficassem igualmente distribuídas em cada um dos métodos, no método da urna (proposto neste estudo) e no método utilizado como padrão (Huntington *et al.*, 1993). No trabalho de campo, a pesquisa contou com 14 entrevistadoras, sendo que ser do sexo feminino era um dos critérios de seleção.

Método da urna

A urna usada na pesquisa era similar àquelas utilizadas em eleições, tendo como única diferença o fato de ter a parte superior feita de acrílico transparente, permitindo, dessa maneira, a visualização dos votos no seu interior. Cada mulher entrevistada preenchia um voto contendo perguntas sobre o número de abortos induzidos prévios e os procedimentos abortivos utilizados e o depositava na urna. Os votos não continham nenhuma informação que permitisse a

* Agradeço o apoio financeiro do The Population Council – New York, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul e da Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas, bem como os comentários do Dr. César Victora.

** Epidemiologista e pesquisadora do Centro de Pesquisas Epidemiológicas do Departamento de Medicina Social da Universidade Federal de Pelotas.

identificação das entrevistadas. Mesmo no início do trabalho de campo, as urnas já apresentavam alguns votos em branco no seu interior, depositados previamente pelo investigador. Dessa maneira, esperava-se ganhar a confiança das mulheres ao verem que seus votos iriam se misturar a outros.

Foram utilizadas várias urnas, identificadas pelo mesmo número do setor censitário. Quando um setor era completado, o supervisor da pesquisa abria a urna e contabilizava o número de abortos induzidos e os procedimentos abortivos para aquele setor. Esse procedimento possibilitou fazer análises de dados agrupados por setor (análise ecológica), além de estimar a frequência de abortos.

Como era previsto, não foi registrada nenhuma barreira à aplicação do método da urna, uma vez que 95% das mulheres do município são alfabetizadas e convivem há 15 anos com processos eleitorais.

Método padrão

Por sugestão do The Population Council – New York, este estudo utilizou como padrão de comparação um método de perguntas indiretas sobre aborto induzido (Huntington *et al.*, 1993) compreendendo um questionário com um conjunto de questões sobre gravidez indesejada, sem abordar diretamente a questão do aborto induzido. Exemplo: "A senhora já esteve grávida alguma vez em que não podia ou não queria estar?"

Resultados

A alocação aleatória em cada um dos métodos garantiu a semelhança entre os dois grupos. As mulheres alocadas tanto para o método da urna como para o método utilizado como padrão tinham as mesmas médias de idade,

escolaridade e renda (30 anos, 8 anos de escolaridade e 9 salários mínimos, respectivamente). Quanto a raça e estado civil, 75% eram brancas e cerca de 58% tinham relação de união estável, em ambos os grupos.

Embora os dois grupos apresentassem características similares, pelo método da urna foi encontrado que 8% das mulheres de 15 a 49 anos provocaram aborto pelo menos uma vez durante suas vidas reprodutivas, resultado que corresponde ao dobro da estimativa encontrada para as mulheres que responderam às questões sobre aborto pelo método padrão (4%). Esta diferença foi altamente significativa usando o teste de Qui-quadrado ($p = 0,001$).

Discussão

Ainda que os resultados encontrados possam ser animadores, principalmente por se tratar de um tema complexo como é o aborto induzido, com certeza ainda não expressam a realidade.

Durante a coleta, digitação e análise preliminar dos dados, alguns fatos importantes foram observados. Primeiro, ao contrário do que se esperava, o percentual de votos em branco e nulos foi praticamente zero. Esse dado surpreende se comparado com os resultados eleitorais no Brasil, em que esse percentual é elevado. O município onde foi testada a metodologia apresentou nas últimas eleições presidenciais 5,8% de votos em branco e 6,3% de votos nulos. Poder-se-ia levantar a hipótese de que não são as mulheres que votam em branco nas eleições. Outra hipótese, e a mais provável, seria a aceitação pelas mulheres do método proposto. Um estudo realizado na Colômbia utilizando uma metodologia muito similar a esta também mostrou uma boa aceitação por parte das entrevistadas (Zanudio *et al.*, 1994).

Ao mesmo tempo, o fato de não haver votos em branco não significa total veracidade na informação fornecida. Por exemplo, as mulheres que assinalaram a opção de que já haviam feito algum aborto induzido muito provavelmente estavam relatando a verdade. Quanto àquelas que responderam "não", porém, pode ter ocorrido três situações: (a) mulheres que realmente nunca provocaram aborto (verdadeiro negativo); (b) mulheres que provocaram aborto mas, por motivos pessoais, não se sentiram à vontade para assinalar "sim"; e (c) mulheres que não consideraram como aborto o que fizeram.

A negação do aborto pode ter ocorrido pela inibição, devido ao local onde a entrevista foi realizada (dentro do próprio domicílio), fato já registrado em outro trabalho (WHO, 1978). A própria presença da entrevistadora (mesmo mantendo-se afastada na hora do preenchimento do voto) ou, talvez, o fato de os dados terem sido coletados em uma única e curta entrevista não permitiram que as mulheres adquirissem confiança para falar de um assunto que envolve conflitos morais, éticos e religiosos.

A terceira situação foi observada várias vezes durante o trabalho de campo. Com frequência ficava claro para a entrevistadora que era um caso de aborto induzido, mas a entrevistada não o considerava como tal. Por exemplo, nas classes populares o uso da expressão "baixar as regras" é comum, mas pode ou não significar aborto (Leal e Fachel, 1995). É possível também que as mulheres só considerem aborto a ação que inclui interferência vaginal, isto é, algum procedimento mecânico, físico ou químico diretamente na vagina, geralmente realizado por médicos ou aborteiras. Neste caso, abortos provocados pela ingestão de drogas por via oral poderiam estar sendo considerados apenas como "baixar as regras".

Embora a média de escolaridade das mulheres selecionadas fosse de oito

anos, os valores apresentaram grande variação, de zero a 22 anos. A diferença na escolaridade, as diferenças socioeconômicas e culturais certamente podem ter levado a diferentes interpretações do que cada mulher considerava provocar um aborto.

Um outro ponto a destacar seria quanto ao denominador das estimativas apresentadas acima. Ao mesmo tempo que estão incluídas todas as mulheres, mesmo aquelas que nunca engravidaram, não se incluiu as mulheres que faleceram, mesmo como consequência de aborto. Ainda que o aborto induzido fique entre a quarta ou quinta (variações regionais ou fontes de dados) causa de morte materna no Brasil (Berquó, 1995; Costa, 1995; Unicef/Pastoral da Criança/Ministério da Saúde, s/d.), isso não afeta os resultados: uma vez que a taxa anual de mortalidade materna em Pelotas está em torno de 75 por cem mil nascidos vivos (Victora, 1995), em 1.357 mulheres isto representaria cerca de uma mulher.

Provavelmente os resultados encontrados pelo método da urna ainda estão aquém da realidade, mas sendo raros os estudos no Brasil que estimam diretamente a incidência de aborto, existem dificuldades na comparação dos resultados. A pesquisa realizada pelo The Allan Guttmacher Institute (1994) mostrou uma taxa anual de 3,7% de abortos induzidos para o Brasil. Tal estimativa, porém, foi calculada a partir de informações obtidas junto a profissionais da saúde e estatísticas oficiais governamentais, não sendo baseada em amostras representativas da população. Um outro estudo, utilizando metodologia etnográfica (Leal e Fachel, 1995), encontrou que 17,9% das 99 mulheres selecionadas teriam provocado aborto. Sendo esta uma metodologia qualitativa, cada entrevista exigiu, em média, quatro visitas (aproximadamente 20 horas no total de cada entrevista), além de profissionais com qualificação específica.

Diferentemente, o método da urna tem como proposta ser de fácil e ampla aplicação em estudos de base populacional, não precisando de profissionais especializados para tal.

Acredito que a realização de novos estudos que reavaliem o método da

urna, ou mesmo que o testem em diferentes populações ou regiões, contribuirá para a resolução de problemas metodológicos em estudos sobre temas altamente sensíveis ou ilegais.

Referências bibliográficas

- BERQUÓ, E. A saúde reprodutiva das mulheres na "década perdida". Trabalho apresentado no IV Programa de Saúde Reprodutiva e Sexualidade, Campinas, maio de 1995.
- COSTA, A.M. Direitos reprodutivos: riscos e encruzilhadas. Trabalho apresentado no IV Programa de Saúde Reprodutiva e Sexualidade, Campinas, maio de 1995.
- HUNTINGTON, D.; MENSCH, B. e TOUBIA, N. "A new approach to eliciting information about induced abortion". *Studies in Family Planning*, vol. 24, n. 2, 1993, pp.120-4.
- LEAL, O.F. e FACHEL, J. Corpo, sexualidade e reprodução: um estudo de representações sociais em quatro vilas de Porto Alegre/RS - Brasil. Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Relatório final de pesquisa para a World Health Organization, 1995.
- THE ALLAN GUTTMACHER INSTITUTE. *Aborto clandestino: uma realidade latino-americana*. Nova York, The Allan Guttmacher Institute, 1994.
- UNICEF, PASTORAL DA CRIANÇA e MINISTÉRIO DA SAÚDE. A mortalidade materna e o município. Mãe, a vida que vale por duas. S/d.
- VICTORA, C.G. *A mortalidade materna em Pelotas, RS*. Mimeo, 1995.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Induced abortion*. Genebra, World Health Organization, 1978.
- ZAMUDIO, L.C.; RUBIANO, N.B. e WARTENBERG, L.V. Representatividad, confiabilidad y significación: problemas prácticos de la investigación sobre aborto inducido. Comunicação apresentada no Encuentro de Investigadores sobre Aborto Inducido en América Latina y el Caribe, Colômbia, 1994.